



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR
LITERÁRIO

ALINE OLIVEIRA GUIDIS KIELBLOCK

LAVRAS - MG

2021

ALINE OLIVEIRA GUIDIS KIELBLOCK

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Prof^a. Dra. Mariana Aparecida de Carvalho
Orientadora

LAVRAS - MG
2021

DEDICATÓRIA

Ao meu “pai” Geraldo Oliveira (*in memoriam*), por todo amor e sabedoria!

AGRADECIMENTOS

A Deus de infinita bondade pela concessão de tantas dádivas, força e fé.

À Universidade Federal de Lavras pela contribuição para a minha formação e construção de saberes.

Aos Professores e tutores do curso de Letras que propiciaram tanto conhecimento durante os anos desta graduação.

À Professora Mariana Aparecida de Carvalho pela paciência e orientação neste trabalho.

À minha família por estar sempre ao meu lado e ser meu porto seguro.

À Ana Clara, luz dos nossos dias, pela compreensão da minha ausência e incentivo diário!

À Turma de Letras 2017, Polo Cambuí, pela amizade e companheirismo ao longo do curso, especialmente, Kelly, Marcos, Patrícia e Nazaré, por não soltarem a minha mão nos momentos mais estressantes e desafiadores!

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é o de refletir sobre o processo de formação do sujeito leitor de obras literárias e discorrer sobre o desafio que é esse processo. A literatura tem a função humanizadora, situa o ser humano na sociedade, propicia a reflexão sobre sua função social, ética e moral, levando-o a construir sentidos a partir das experiências literárias, propiciadas pela leitura. A formação do leitor literário pode ser incentivada por diversos mediadores como a família, amigos, escola, professores, bibliotecas e espaços que acolhem e incentivam o aluno a ler com fluência. No Brasil, o ensino é normatizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que orienta o ensino das competências gerais para a educação básica, de acordo com o ano letivo e idade do aluno. Nesta pesquisa constatou-se que o ensino da leitura literária em sala de aula precisa ser mais claro e mais desenvolvido, uma vez que há falta de incentivo da formação do leitor pela falta de espaços adequados, pela questão cultural e pela necessidade de formação continuada de mediadores. Pôde-se concluir que a formação do leitor literário é um direito humanizador que contribui para a formação de cidadãos mais críticos e reflexivos, havendo, no entanto, muitos desafios para serem transpostos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Formação; Leitor literário.

ABSTRACT

The objective of this research is to reflect on the process of formation of the subject reader of literary works and discuss the challenge that this process is. Literature has a humanizing function, situates the human being in society, provides reflection on their social, ethical and moral function, leading them to build meanings from literary experiences, provided by reading. The formation of the literary reader can be encouraged by various mediators such as family, friends, school, teachers, libraries and spaces that welcome and encourage students to read fluently. In Brazil, teaching is regulated by the Common National Curriculum Base (BNCC), a document that guides the teaching of general skills for basic education, according to the school year and age of the student. In this research, it was found that the teaching of literary reading in the classroom needs to be clearer and more developed, since there is a lack of encouragement in the education of the reader due to the lack of adequate spaces, the cultural issue and the need for continuing education. mediators. It could be concluded that the formation of the literary reader is a humanizing right that contributes to the formation of more critical and reflective citizens, with, however, many challenges to be overcome.

KEYWORDS: Literature; Formation; Literary reader.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 – LEITURA E LEITOR LITERÁRIO	09
2 – MEDIADORES DA LEITURA LITERÁRIA	13
3 – BNCC E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	17
4– DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO

A leitura é importante para o ser humano interagir com outros assuntos, com outras culturas e com outros saberes, bem como para adquirir conhecimentos, aprender a se expressar, vivenciar experiências, se informar e ter uma visão geral e específica do mundo e de temas que o cercam. Ler é muito mais do que decodificar os símbolos gráficos, é entender o que os textos querem dizer e encontrar uma maneira de significá-los.

O texto literário acompanha a criança desde seus primeiros anos de vida, pela contação de histórias, dramatização, parlendas, trava-línguas, canções de ninar, textos e livros da cultura local, histórias que são passadas de geração para geração, sendo importante, portanto, no processo de formação de um cidadão, auxilia na análise crítica e reflexiva dos sujeitos.

A formação do leitor literário é o tema da presente pesquisa e tal escolha foi motivada não apenas por interesses pessoais, mas sobretudo pela importância do assunto, da necessidade de mapear os desafios enfrentados na formação do sujeito leitor que se torna capaz de refletir criticamente sobre a sociedade em que está inserido e modificá-la. Por outro lado, este tema está presente no dia a dia do fazer educacional e é demonstrado, muitas vezes, como um desafio, então entendê-lo é parte importante de processo de viabilizar ferramentas e alternativas que deem conta de contribuir para a formação do leitor literário. Formar leitores literários é imprescindível para a formação de cidadãos críticos e reflexivos acerca de sua realidade vivencial, com capacidade de entender contextos e fazer mudanças.

O objetivo deste estudo foi refletir sobre como se dá a formação do sujeito leitor de obras literárias, bem como discorrer sobre o desafio que é essa formação na atualidade.

Esta é uma pesquisa de revisão bibliográfica e se justifica pela necessidade de se entender os fatores que interferem na formação do leitor literário, assim como os elementos que incentivam tal prática.

O texto está organizado em seções que versam sobre os temas abordados no estudo. A primeira seção, *Leitura e leitor literário*, tratará sobre os conceitos de leitura e leitor literário, elucidando as características deste tipo de leitura e está ancorado nos estudos de Azevedo (2004); Raimundo (2017); Portolomeos e Rodrigues (2020). A segunda seção, *Mediadores da Leitura Literária*, é dedicada aos mediadores da leitura, mostrando como família, amigos, escola, professores, biblioteca podem contribuir para a formação de leitores literários, conforme demonstram Raimundo (2017); Souza e Montoyama (2014); Souza, Silva e Moura (2018). Na terceira seção, *BNCC e Formação do Leitor Literário*, há uma abordagem sobre a BNCC – Base

Nacional Comum Curricular e sua orientação para os trabalhos com literatura na sala de aula, conforme prevê o documento orientativo publicado por Brasil (2018) e também os apontamentos de Portolomeos e Botega (2020). A quarta seção, intitulada Desafios na Formação do Leitor Literário, se ocupa de abordar os desafios na formação do leitor literário, apontando os principais entraves à formação do leitor literário e se pauta nas discussões de Azevedo (2003, 2004); Raimundo (2017); Portolomeos e Rodrigues (2020); Portolomeos e Botega (2020).

1 – LEITURA E LEITOR LITERÁRIO

O texto literário deve provocar a emoção e o amadurecimento emocional do leitor, provocando no leitor uma experiência única que só acontece a partir da interação leitor/obra literária, em que cada leitor vai atribuir ao texto significados de acordo com o sentimento que tal material lhe causou. Portolomeos e Rodrigues (2020, p.205), relatam que “na perspectiva das teorias recepcionais não se deve falar em “interpretação” correta do texto, mas em interpretações possíveis, pois um mesmo texto pode ter significados diferentes para diferentes leitores”, além de ser aconselhável, também, pensar o que a superfície textual apresenta como sendo fato.

Para as autoras “a literatura, estimula o exercício da empatia através de seus personagens, favorece o fortalecimento da alteridade, indispensável na construção de uma sociedade mais igualitária”.

A literatura tem a função humanizadora, situa o ser humano na sociedade, propicia a reflexão sobre sua função social, ética e moral, levando-o a construir sentidos a partir das experiências literárias, propiciadas pela leitura.

A importância da leitura literária para formação não apenas do leitor, mas do cidadão crítico, além disso temos como relevante os fatores que levam ao desenvolvimento da linguagem e vivências que propiciem experiências de sensibilidade. (SOUZA, SILVA e MOURA, 2018, p.3).

A leitura tem uma função importante, para além da formação do leitor, na formação do cidadão. Daquele que consegue ler, entender, fazer uma análise crítica da realidade, se posicionar e tomar decisões.

Souza, Silva e Moura corroboram sobre a necessidade em inserir a literatura no cotidiano da criança desde a mais tenra idade.

Os livros devem ser levados à criança, mostrados e lidos, assim como suas histórias devem ser contadas e dramatizadas, teatralizadas, pois, através dessa prática, a criança entrará em contato com o objeto cultural livro, assim como com os seus conteúdos, formas, textos e contextos, potencializando o seu processo de aprendizagem e, simultaneamente, o seu desenvolvimento. (SOUZA, SILVA e MOURA, 2018, p.3).

Esta afirmação mostra a importância de a criança ter contato com livros desde pequena, antes mesmo de saber ler ou falar, pois o livro aguça a curiosidade, propicia dramatização, viver o faz de conta, permite que a criança “leia” a história do sujeito e que a reconte como entendeu, o que auxilia no processo de linguagem, aprendizagem e compreensão de textos.

Dessa forma, a leitura do texto literário é essencial para que os sujeitos sejam capazes de fazer uma reflexão sobre sua vida e sobre o entorno, de alargar sua visão de mundo, contribuindo para uma sociedade mais justa, que valoriza e respeita as diferenças e que garante os direitos aos seres humanos.

Sobre o texto literário Portolomeos e Rodrigues destacam que:

o texto literário é organizado segundo uma lógica de comunicação muito particular que conta com um conjunto de procedimentos pensados para um efeito de fins estéticos, para um efeito que provoca a emoção do leitor, estimulando-o a descobrir, a partir de suas experiências individuais, novas perspectivas sobre a vida, o mundo e si mesmo, menos condicionadas socialmente (PORTOLOMEOS & RODRIGUES, 2020, p. 205)

Nesse sentido, o texto literário possui liberdade de organização que é utilizado de acordo com a finalidade do texto, com o intuito de causar emoção, estimular a imaginação, promover a vivência de experiências pelo leitor, contribuir para que ele faça reflexões sobre fatos, história, sociedade, a vida e sobre seu lugar no mundo.

Raimundo (2017, p.107), enfatiza que “todos têm o direito de ler e principalmente entender o que se está lendo. Portanto é dever do Estado propiciar a todos os cidadãos esta habilidade que favorece a informação, a comunicação e a educação da sociedade brasileira”.

É evidente que, muito mais do que um hábito ou um momento de fruição e lazer, ler é um direito humano que deveria ser garantido pelo Estado e não basta ler, é preciso entender o que se lê, interpretar, experienciar e compreender os textos lidos.

A leitura, na concepção dialética, de acordo com Raimundo (2017, p.108), “passou a ser vista como um suporte propício para o dialogismo entre autor e leitor, revelando uma nova visão extremamente rica, abrindo espaço para a subjetividade para a expansão da criatividade” Nesse sentido, é clara a contribuição da leitura para a formação do ser humano enquanto ser social e

cultural, uma vez que a leitura propicia o diálogo com o autor, o aumento da criatividade e a interação.

Considerando-se que a leitura possui esse papel e essa importância, a escolha da obra literária a ser utilizada na sala de aula, de acordo Portolomeos e Rodrigues (2020, p. 207) “deve implicar um ato consciente e político do professor que intenciona formar leitores questionadores de sua vida em sociedade e emancipados”.

Assim, o professor deve ter o cuidado ao selecionar as obras literárias que serão estudadas e sempre privilegiar o estudo da obra em si e não de textos que falem sobre a mesma. O contato com a obra literária provoca as emoções do leitor, singulariza o sujeito que a lê, pois incentiva a produção de significados pelos alunos, respeita suas diferenças, especificidades e individualidade.

Para escolher textos literários, o professor precisa ter clareza sobre as características de um texto literário e não literário, saber suas diferenças, instigar a criatividade e imaginação do aluno e, nesse ponto, cabe pensar na importância da formação continuada de professores, tema que será tratado em outro capítulo.

O conceito de leitor é importante nesta pesquisa, pois é necessário esclarecer quem é o leitor a que o texto se refere e, neste estudo, será adotada a definição de Azevedo (2004, p.01).

Sobre leitores, Azevedo afirma que:

É possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (AZEVEDO, 2004, p. 1).

A definição de leitor é necessária, pois elucidada as competências que ele deve ter e as que se pretende formar. Ou seja, o leitor deve ser capaz de entender e diferenciar diferentes tipos de textos. Ler, entender, fruir, se identificar com a leitura propicia que o leitor aprimore seu gosto e defina suas preferências.

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2004, p.2).

O autor explica, ainda, sobre a importância da identificação do leitor com o livro lido, demonstrando as sensações que a obra literária deve e pode despertar em quem lê. A liberdade de interpretação é uma questão relevante, pois o mesmo livro pode causar impressões diferentes em diferentes leitores e este é o grande mérito da literatura: despertar e possibilitar vivências únicas.

O discurso poético, o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. (AZEVEDO, 2004, p.03)

De acordo com cada estratégia utilizada pelo autor, o leitor consegue, em contato com a obra, perceber como o texto foi elaborado, qual a pretensão do autor, se ele pretende que o leitor se atenha apenas à superfície textual, sem interpretar as metáforas, ironias trocadilhos, assim surge a necessidade de o leitor se conectar com a obra, ter um contato mais aprofundado e entender que a leitura vai muito além do que se lê apenas.

Por meio de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis. Quais são eles? Entre outros: as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto. (AZEVEDO, 2004, p.04).

Conforme observado, a literatura em sala de aula propicia a abordagem de uma pluralidade de temas que, talvez, não teriam espaço em outro local. Estes temas, muitas vezes, não têm espaço nas conversas em casa, nos grupos sociais, mas são essenciais para o desenvolvimento e formação de um cidadão crítico reflexivo e responsável.

A leitura e processo de formação do leitor literário são importantes para o desenvolvimento humano, para as experiências, para a formação de cidadãos críticos e

reflexivos, por isso é necessário que existam mediadores da leitura para incentivar a formação deste leitor literário

2 – MEDIADORES DA LEITURA LITERÁRIA

Mediadores de leitura são as pessoas ou instrumentos capazes de intermediar, facilitar, estimular o processo de formação de um leitor. São as pessoas que apresentam os livros, leem histórias, acompanham os primeiros passos do aluno ao adentrar no mundo da leitura.

De acordo com Almeida Júnior e Bortolin (2008, p.74) “mediador é todo profissional que tem a responsabilidade de acompanhar um leitor durante a sua formação ou mesmo depois de formado (na medida em que a formação é contínua) quando em dúvida ou desencorajado, solicita uma sugestão”.

Na educação formal, o principal mediador com quem o estudante tem contato é o professor que é uma figura muito importante, a quem o aluno, via de regra, admira e em quem se espelha. Não raros são os casos dos leitores que se formaram pela referência do professor na educação básica.

Para Raimundo (2017, p.107) “a escola deveria ser um espaço de leitura em que, com a mediação do professor, os alunos fizessem leituras diversas de textos científicos, jornalísticos, de propaganda, de ficção, de poesia. Só assim poderiam desenvolver uma leitura competente”. Desse modo, é possível entender que a escola é o local que deve privilegiar o espaço da leitura, oportunizando aos alunos terem contato com os mais diversos tipos de texto, a fim de desenvolverem habilidades de leitura e de interpretação o que foi lido.

Para tanto, o autor sugere que:

Os educadores devem ser estimulados a fazer com que os alunos compreendam que a leitura, antes de qualquer coisa, deve ser vista como veículo de aperfeiçoamento da sociedade, para que o sujeito-leitor seja um cidadão consciente de seu papel de agente transformador do mundo em que vive (RAIMUNDO, 2017, p. 108).

Ou seja, ao estimular e auxiliar o aluno na busca por essa compreensão da leitura, o educador está assumindo o seu papel de mediador da leitura, sendo muito importante que incentive e apresente o mundo da leitura aos educandos, pois o ato de ler contribui para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de analisar e de criticar sua realidade vivencial.

Raimundo (2017, p.109) demonstra que, para formar leitores, o professor precisa ter algumas habilidades como: “ser leitor, pois os alunos também aprendem por imitação; ser ativo no trabalho de mediação; se interessar pelo aluno, saber seus gostos, o que já leu, o que conhece”, assim ele conseguirá transpor, com mais facilidade, os desafios que surgem.

A hipótese de que o professor leitor contagia mais facilmente seus alunos é corroborada por Silva, Souza e Moura (2018, p.01), ao demonstrarem que “para formar um leitor é preciso ser leitor, o professor que sente prazer na leitura terá mais facilidade em despertar o mesmo prazer em seus alunos”.

Tais constatações demonstram que se o professor lê, ele terá mais motivação para trabalhar a leitura, de forma efetiva, na sala de aula e para motivar os alunos a terem este hábito. Esta afirmação também leva à reflexão sobre a necessidade de se investir na formação continuada de professores.

É clara a relevância da atuação do professor em sala de aula para formar o leitor literário, claro que este papel não se limita a ele, já que essa mediação pode ser realizada em casa, numa relação de adulto e criança, assim como com os professores que desenvolvem trabalhos de leitura, sendo eles também sujeitos leitores, bibliotecários que orientam a leitura e também o espaço biblioteca, quando bem preparado para realizar o texto. (SOUZA, SILVA e MOURA, 2018, p. 1).

Nesse excerto fica evidente a contribuição que o professor pode dar para leitores em formação e também os outros atores que podem (e devem) auxiliar no processo de aquisição da habilidade de ler assiduamente, como a família, adultos que são referência para os mais jovens, outros leitores, o espaço escolar e a biblioteca (escolar ou não).

O hábito de ler em sala de aula, mesmo para alunos que ainda não estão alfabetizados é importante para a formação do leitor, pois oferece a oportunidade de, desde cedo, o indivíduo entrar em contato com o universo da literatura infanto-juvenil e enriquecer capacidades leitoras como a compreensão, aumentar o repertório pessoal e, principalmente, descobrir a estética literária e o prazer da leitura como atividade de lazer. (SOUZA E MOTOYAMA, 2014, p.160).

A premissa que o professor é um dos responsáveis pelo letramento literário, que pode instigar a curiosidade do aluno e levá-lo a se interessar pela leitura demonstra a importância do educador e do ensino da leitura literária na sala de aula, desde cedo. É necessário privilegiar, na organização das atividades escolares, um tempo para a leitura e contação de histórias.

Sobre isto Souza, Silva e Moura (2018, p.01) reforçam que “a maneira como o professor atua pode interferir no processo de compreensão e apropriação do livro, daí a necessidade desta interferência ser intencional e resultado de reflexões sobre sua prática”.

As autoras Souza, Silva e Moura (2018, p.02) ainda comentam que “ao refletirmos o papel da escola em formar cidadãos críticos e autônomos, nos encontramos e ocupamos um espaço, de *provocadores* deste desenvolvimento em que a nós foi reservado pela própria função de formadores.

Interessante a percepção acerca do professor como um provocador da criticidade do aluno, cujo desenvolvimento perpassa pela leitura, pois ela propicia o desvendamento de mistérios, o conhecimento do desconhecido, a curiosidade; além de informar, formar e suscitar a reflexão.

É consenso, até mesmo entre os profissionais da educação, a importância que os professores possuem com relação à formação da criticidade dos alunos. Uma pesquisa realizada por Souza, Silva e Moura (2018), com 455 estudantes universitários ingressantes no curso de Pedagogia e Letras, demonstrou que 72,3% dos alunos participantes apresentaram o professor como sendo o mediador de leitura mais influente em sua vida escolar.

Esse dado é essencial, pois comprova a importância da influência do professor na formação de leitores para aqueles que, eles próprios, estarão em sala de aula exercendo essa função de mediador.

Outro importante elemento do processo de formação do leitor literário é o espaço em que as experiências com leitura literária acontecerão. Um espaço muito utilizado para a abordagem de leitura em escolas (ou não) são as bibliotecas. Elas são ambientes propícios para a exploração de livros, temas, autores que interessem ao leitor em formação, mas para serem eficazes, precisam estar organizadas, terem obras diversas e contarem com um profissional que auxilie na orientação e estímulo à leitura.

A biblioteca precisa ser um local funcional que propicie momentos de leitura, experiências prazerosas, momentos inesquecíveis e que promovam a identificação do leitor com o texto lido, gerando lembranças e momentos únicos. O local deve ser acolhedor e prazeroso, estimulando a leitura.

De acordo com Souza e Motoyama (2014, p.156):

O espaço da biblioteca não pode ser passivo. É preciso que se pense em uma organização dinâmica capaz de mediar o contato dos sujeitos com o material de leitura. Contações de histórias, organização do mobiliário para favorecer a acessibilidade dos visitantes são apenas algumas das ações

que podem ser realizadas para tornar a biblioteca um local agradável e convidativo à leitura. (SOUZA E MOTOYAMA, 2014, p.156).

Há a necessidade de que as bibliotecas sejam espaços convidativos, organizados e que suscitem o interesse do aluno. Não basta dispor de bons livros, é necessário oportunizar que os alunos frequentem espaços de leitura, façam descobertas, tenham contato com os livros, satisfaçam sua curiosidade e tenham apoio dos responsáveis pelas bibliotecas; assim como os professores, estas pessoas também precisam se identificar com a leitura literária.

O ambiente familiar (pais, tios, irmãos mais velhos, familiares, em geral) também é um importante elemento no processo de formação do leitor. Como a criança pequena tende a reproduzir comportamentos, é comum que comece a ler/observar as imagens numa tentativa de imitar os adultos com os quais convive e essa imitação, gradativamente, pode passar a ser o desenvolvimento de um hábito de leitura que a acompanhará por toda a vida.

Nesse sentido, Raimundo (2017, p. 111) esclarece que “ se as crianças são criadas em um ambiente receptivo à leitura, em contato ativo com materiais que sugerem a recepção de textos, é provável que no futuro ela conserve o gosto de ler. Se ao contrário a família não se envolver será mais difícil o trabalho dos professores”.

Semelhantemente, os adolescentes e jovens, estudantes do ensino fundamental, também precisam ser estimulados nesse processo de leitura, ainda que seja necessária a utilização de diferentes e variados mecanismos, pois aqueles que outrora eram eficazes com a crianças, como a contação, por exemplo, talvez não produzam tanto efeito nos mais crescidos. Fato é que, independentemente da idade, o exemplo funciona como um bom método de incentivo e estímulo à leitura, daí a necessidade de os mediadores serem leitores ativos, como já defendido no presente trabalho.

Assim, é muito importante que a família estimule o hábito da leitura, sobretudo por as crianças reproduzirem comportamentos e se os pais leem, certamente, a criança terá uma tendência a manter este hábito.

A autora observa que:

A convivência com pessoas que têm uma relação de amor com a leitura induz à imitação e à absorção desse prazer de buscar leituras que estimulem à socialização, a interação, a sensibilidade, pois a formação de um leitor também envolve as relações de afetividade que interferem nos sentidos e transformam as pessoas, individualizando-as. Assim a busca da leitura pelo sujeito possui grande relação com as mediações que se vivencia no convívio cultural. (RAIMUNDO, 2017, p. 115).

Pelo texto, fica evidente a importância do papel mediador na formação de leitores. Essa mediação pode ser da escola, da família, de contatos afetivos, de *influencers* e de tecnologias. Importante é apresentar os textos aos alunos e os levar a ter prazer em ler.

O contato com o texto literário é essencial para a formação do leitor e os mediadores da leitura, conforme supracitado, são de suma importância, pois participam, efetivamente, da mediação no processo formativo do leitor e estão em casa, na escola e nos ambientes que o estudante frequenta. Tais elementos se fazem necessários até que os alunos consigam “caminhar sozinhos pelo mundo da leitura”.

3 – BNCC E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

A educação é um direito de todos e um dever do Estado, conforme prevê a Constituição Federal de 1988: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL,1988).

O ensino no Brasil é normalizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que orienta o ensino das competências gerais para a educação básica, de acordo com o ano letivo e idade do aluno.

A BNCC, no país, foi homologada em 2018 e norteia o currículo mínimo para a educação básica.

De acordo com Brasil (2017), na BNCC :

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2017, p.7).

A base elenca 10 competências gerais da educação básica com a finalidade de orientar o desenvolvimento integral do educando. Dentre as competências, se destacam as competências 3 e 4:

3 - “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais

às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”;

4 - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2017, p.9).

Embora o documento aborde a fruição das manifestações artísticas e culturais e a importância das diferentes linguagens e gêneros discursivos, não deixa claro como deve ser feita a abordagem da leitura e formação do leitor na sala de aula. Todavia, é importante destacar sua importância e sua ampla abrangência, focando o sujeito, as relações, os valores e as experiências do aluno.

De acordo com Brasil (2017, p.14) o compromisso da BNCC é com a formação integral do educando.

(A BNCC) reconhece que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (BRASIL, 2017, p.14).

O trabalho da literatura em sala de aula é um incentivo para que o aluno tenha contato com obras literárias e se torne um leitor assíduo, que lê por prazer e deleite, amplia seu conhecimento de mundo e experiências, a partir de diferentes textos literários.

Para Andrea Portolomeos e Simone Aparecida Botega (2020, p.293), no artigo “A poesia no ensino fundamental: uma discussão sobre as orientações da BNCC”:

A teoria literária constitui uma importante aliada no processo de letramento literário do aluno, ou seja, no processo de aquisição, pelo discente, de uma competência específica de leitura que viabiliza seu amadurecimento na leitura de textos estéticos, partindo dos menos aos mais densos, de acordo com as séries escolares. (PORTOLOMEOS & BOTEGA, 2020, p.293).

Há uma problematização acerca da forma de como o ensino de literatura acontece na sala de aula, concomitante com o ensino de língua portuguesa, sem o devido tempo para

trabalhar a teoria literária e o texto contraditório da BNCC, por dar orientações pouco claras sobre o ensino da literatura.

Portolomeos e Botega (2020, p.293) demonstram que a BNCC, “texto norteador do ensino hoje é complexo em conceitos e teorias, sua compreensão deve ser construída no diálogo de professores do ensino básico com profissionais estudiosos dessas diretrizes e dos conhecimentos técnicos e científicos que a respaldam”. A BNCC, sendo o documento que baliza e orienta o ensino das disciplinas, dentre elas, língua portuguesa e literatura, no Brasil, deveria trazer mais claramente as estratégias que devem ser adotadas para o ensino da literatura.

No entanto, para Souza e Castellanos (2021, p.64736) “a BNCC apresenta um olhar integral na formação do leitor contribuindo para sua participação em práticas sociais da cultura letrada, ou seja, a formação do leitor não está mais restrita apenas à disciplina de língua portuguesa, mas a todas, de forma a propiciar o desenvolvimento integral do aluno”.

De acordo com a BNCC, a formação do leitor deve contribuir para sua inserção em práticas sociais da cultura letrada, pois sua diversidade permitirá, ao aluno, apropriar-se, progressivamente, de diferentes gêneros textuais e discursivos, estabelecer relações com outros, mas sempre consciente dos sentidos que produz.

O ensino da literatura é importante para o estímulo e formação do leitor literário e a BNCC é o documento oficial que aborda a importância da literatura e pode esclarecer quais as formas e possibilidades de se inserir a literatura no contexto educacional e propiciar a formação de leitores, uma vez que o documento entende que a formação do leitor é parte integrante da formação educacional, não se restringindo a uma ou outra disciplina.

4- DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

A formação de leitores é um processo que demanda tempo, mediação e estratégias, conforme demonstrado no decorrer do texto. No entanto, existem dificuldades para que seja formado um leitor literário, um sujeito social que se interesse e leia obras literárias, que consiga encontrar prazer e contemplação nos momentos de leitura, que interaja com a obra lida e construa conhecimentos, significados e reflexões a partir do texto lido.

Cândido (2011) relata que a literatura é uma necessidade universal e que todas as sociedades expressam a literatura de forma oral ou escrita, efabular é uma necessidade humana. O ser humano se sai melhor da leitura do texto literário, expande suas emoções, desenvolve e organiza os pensamentos, enriquece o olhar para a realidade. Assim, para o autor, se a literatura

existe em todas as sociedades, como forma de expressão, ajudando na compreensão sobre a realidade, então ela é um direito humano.

Leitores, para Azevedo (2003, p. 02), “são pessoas que sabem diferenciar uma obra literária de um texto informativo; que sabem utilizar textos em benefício próprio para receber informações, por motivação estética, como instrumento para ampliar sua visão de mundo, por puro e simples entretenimento”.

A formação desse leitor perpassa por muitos desafios como: falta de incentivo em casa e na escola; falta de formação continuada dos mediadores da leitura; falta de espaços adequados, acolhedores e que estimulem o ato de ler; falta de normatizações mais claras acerca das estratégias para a formação do leitor nos documentos oficiais que preconizam o ensino.

Azevedo (2003, p.01) afirma que são muitas as dificuldades na formação do leitor, elencando que:

há problemas conjunturais como a existência de numerosos pais analfabetos ou semi-analfabetos; famílias dependendo do trabalho infantil para poder sobreviver; pessoas morando em casas, por vezes de um só cômodo, sem espaço e iluminação adequados para a leitura. Há o preço do livro, alto para os padrões nacionais de renda, e a quase inexistência, fora dos grandes centros, de livrarias e bibliotecas. Há o contato de crianças com adultos – pais e professores – que, apesar de alfabetizados, não são leitores. Há, além disso, questões teóricas, não menos importantes, como a da própria conceituação do que seja a leitura ou a da determinação das implicações cognitivas envolvidas na aquisição da escrita (AZEVEDO, 2003, p. 01)

O autor mostra que muitos são os fatores que dificultam a formação do leitor e o acesso ao livro, como questões de ordem social, cultural e econômica. Se as crianças reproduzem os comportamentos dos adultos, crianças provenientes de famílias sem nenhum contato com livros têm uma chance muito menor de se tornarem leitores assíduos. Devido ao ato de não terem contato com outros livros, além dos didáticos, muitas crianças (e adultos) podem vir a confundir o livro didático com o livro literário, atribuindo ao livro apenas a função de ensinar um tipo de conhecimento, como pode ser visto pelas palavras de Azevedo (2003, p.4):

Boa parte de nossas crianças é levada a acreditar que todos os livros existentes são necessária, intrínseca e essencialmente didáticos, ou seja, tratam de um ramo específico do conhecimento (de uma determinada matéria) e contêm regras, leis, métodos, lições e informações unívocas que precisam ser aprendidas [...] Livros didáticos são utilitários por definição (sua utilidade em geral é apresentada já na capa: Gramática, História, Ciência, Matemática); têm compromisso com as matérias do currículo oficial; apresentam discurso impessoal e objetivo; pretendem transmitir informações; pretendem ser unívocos (são preparados para que seus leitores cheguem às mesmas

conclusões); necessitam de atualização periódica, afinal, o conhecimento e as metodologias mudam com o passar do tempo (AZEVEDO, 2003, p.2-4)

Assim, os livros didáticos têm uma finalidade clara que é a de informar e de levar todos os “leitores” à uma mesma conclusão; ao contrário do livro literário, que extrapola a realidade e permite múltiplos entendimentos.

Conforme aborda Cândido (2011), “vivemos em uma sociedade muito desigual em que, nem todos têm acesso à literatura. Uma sociedade mais justa deveria promover o acesso a bens materiais e imateriais a todos, como a literatura”. O autor considera uma brutalidade social fazer com que uma pessoa cresça e viva sem ter contato com obras literárias, o que considera uma privação e mutilação, uma vez que a literatura tem a função humanizadora.

Uma dificuldade muito comum no processo de formação de leitores é a tendência a se classificar todos os alunos por faixa etária, algo comum na categorização das obras literárias que separa alunos pelas faixas: infantil, infanto-juvenil, juvenil e adulto. Esta categorização pode ser um problema, pois cada criança, mesmo tendo a mesma idade de outra, tem uma experiência e visão de mundo diferentes então não há certo ou errado para cada idade, esta é uma questão muito subjetiva que depende de cada aluno.

Vai ser difícil formar leitores insistindo em idealizações a respeito da leitura, aceitando passivamente a divisão indiscriminada de pessoas em abstratas faixas etárias, ignorando a existência de diferentes tipos de livros e textos e, ainda, sem levar em consideração certas características e especificidades da Literatura, entre elas, seu compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta. (AZEVEDO, 2004, p.11)

É problemático dividir as pessoas em faixas etárias, aptas a um ou outro tipo de leitura, pois cada pessoa tem características e vivências que a tornam única, não sendo adequado, portanto, estratificar o que é leitura ideal para criança ou para adulto.

A crença num mundo abstrato e higiênico, dividido em faixas etárias, mundo que simplesmente ignora a experiência das coisas, concreta e individual, vivida por cada um de nós, somada à confusão existente entre os diferentes tipos de livros produzidos podem ajudar muito a estabelecer “fatias” do mercado editorial ou a facilitar a organização burocrática das escolas, mas, não têm contribuído para formar cidadãos criativos, participantes, dotados de senso crítico e visão humanista da vida e do mundo. Nem para a formação de leitores, ou seja, pessoas que saibam utilizar livros em benefício próprio (AZEVEDO, 2003, p. 8).

Assim, é necessário pensar na formação do leitor literário, para além da idade e do contato único com o livro didático. É necessário oportunizar momentos para que cada pessoa interaja e escolha o livro que mais lhe interessa e que irá lhe propiciar uma leitura crítica.

Para Raimundo (2017, p. 109) “cada estudante é um ser único, possuindo uma história de vida diferente, com gostos diferentes, cabendo ao professor saber reconhecer essas diferenças e contorná-las dentro da sala de aula, muitas vezes superlotada”.

Salas de aula lotadas já são um desafio em si; conhecer o gosto de cada aluno é outro ponto desafiante, mas necessário para conseguir que sejam formados leitores. Não é possível trabalhar com a indicação de um único texto ou único livro em uma turma plural. É necessário haver opções para que o aluno escolha aquela que mais lhe agrada e cuja leitura será mais prazerosa, assim, é possível, não certeza, de se formar leitores ávidos por conhecer e ler outros livros.

A BNCC, como mencionado na seção anterior, orienta a formação integral do aluno, não distinguindo disciplina específica para se trabalhar a formação do leitor literário, no entanto, a falta de orientação específica para se trabalhar a formação deste leitor se torna um desafio. Além disso, o trabalho com literatura, atualmente, é fragmentado e concomitante com a disciplina de língua portuguesa, ou seja, não há um espaço e carga horária exclusiva para tratar de literatura e como a língua portuguesa é ampla, o professor acaba por desprestigiar a leitura em suas aulas.

Portolomeos e Rodrigues (2020, p.211) relatam “a necessidade de melhor definição e delimitação do conceito de literatura e de linguagem literária nas orientações oficiais para o ensino-aprendizagem dessa disciplina, material que deveria auxiliar o professor nos seus desafios nas salas de aula do ensino básico”. As autoras demonstram, ainda, que existem avanços da BNCC, mas com lacunas, principalmente porque o documento que norteia o ensino no país não deixa claro o conceito de literatura, nem de leitura literária, nem como abordar a disciplina na sala de aula, ora abordando teoria recepcionais (que orientam que o aluno atribua significados ao texto literário), ora optando pelas teorias textualistas (que instigam que o aluno desvende o sentido do texto).

Outro desafio no ensino desta área do conhecimento é a falta de formação continuada para os professores ou o não incentivo a essas formações, pois se os professores e mediadores da leitura não tiverem oportunidades de capacitações, não terão condições de auxiliarem no processo de formação do leitor, bem como não poderão acompanhar as evoluções nesta área de modo a tornar o processo mais criativo e significativo.

Há a falta de políticas públicas que garantam a formação continuada dos professores e também a falta de um período de tempo específico na sala de aula para tratar a disciplina, uma vez que a mesma é, usualmente, trabalhada juntamente com a língua portuguesa.

As referidas autoras Portolomeos e Rodrigues (2020, p.211) corroboram que:

as políticas públicas para a educação precisam compreender a importância da especificidade da área e ainda do papel do professor de literatura, garantindo além de um espaço curricular para o conteúdo específico, um espaço de formação continuada para que o profissional da literatura possa se capacitar para o trabalho com a linguagem literária e sua leitura (PORTOLOMEOS & RODRIGUES, 2020, p.211).

As estudiosas (2020, p.294) demonstram que “o letramento literário só ocorre se a leitura literária for executada com assiduidade e observando as características próprias dessa linguagem, pois o domínio da particularidade da leitura da linguagem estética é um processo, muito para além de uma ação pontual”.

Já com relação ao material a ser utilizados, observa-se que:

Para o desenvolvimento do senso estético, é necessário então que o professor apresente aos seus alunos diferentes gêneros literários, sejam eles os gêneros definidos como canônicos, sejam eles definidos como populares, muitas vezes de extração oral, incluindo aí a dança e elementos a ela associados, como a música, o canto, a percussão, os versos etc. (PORTOLOMEOS & BOTEGA, 2020, p. 296).

Assim, fica clara a importância de se trabalhar textos literários na sala de aula e a necessidade de se realizar um trabalho constante, pois para a formação do leitor literário é necessário estímulo constante e continuado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é importante para a formação do ser humano. Ler propicia vivenciar experiências, conhecimento cultural, deleite, prazer, fruição e amadurecimento emocional. Refletir sobre a formação do leitor literário foi o objetivo deste trabalho, que auxiliou no entendimento de questões importantes para a formação deste tipo de leitor, bem como os desafios. O trabalho foi dividido em quatro seções 1) Leitura e Leitor Literário; 2) Mediadores da Leitura Literária; 3) BNCC e formação do leitor literário; 4) Desafios na formação do leitor literário.

A seção 1 evidenciou que a leitura literária tem função humanizadora, pois propicia ao leitor vivenciar experiências, construir significados, conceitos, possibilitando ao mesmo deleite e fruição, auxiliando no processo de formação de sujeitos críticos e reflexivos. A leitura literária deve ser incentivada desde a infância e oportuniza a formação do leitor, dando ferramentas para que ele seja capaz de significar o mundo ao seu redor.

A seção 2 trouxe o entendimento de que os mediadores têm uma função primordial na formação dos leitores, pois são eles quem instigam a curiosidade e aguçam os leitores em formação. Esses facilitadores do processo de formação de leitores podem ser a escola, os professores, a família, os grupos sociais com os quais os alunos se relacionam, o espaço da biblioteca, o bibliotecário, ou seja, todos aqueles que têm uma ação incentivadora e proativa no processo de aquisição da habilidade de ler e fruir dos alunos.

Na seção 3, foi possível entender que a BNCC é o documento oficial que baliza o ensino no Brasil, que orienta os rumos e parametriza o que deve ser ensinado de forma comum a todos os estudantes. No entanto, com relação ao ensino e formação do leitor, percebeu-se que a mesma incentiva a formação integral do aluno, não delegando a uma única disciplina o trabalho com a leitura, por outro lado, percebeu-se uma lacuna, pois o documento não deixa claro quais são as estratégias e formas de trabalhar com a leitura na sala de aula, revelando a necessidade de rever os documentos oficiais que preconizam o ensino no país.

A seção 4 demonstrou os muitos desafios pelos quais perpassam a formação do leitor literário, tais como a falta de incentivo aos alunos, por questões culturais. Interessante alertar para o que a literatura pesquisada apontou, ao mostrar que um aluno que convive com adultos leitores tem uma grande chance de se tornar um leitor. A falta de espaços físicos adequados e aconchegantes é mais um dificultador na formação de leitores, assim como a falta de capacitação continuada aos mediadores que não têm orientação ou incentivo para se capacitar, continuamente, na importante função de mediar a formação de leitores. Pode-se citar, ainda, a concomitância das aulas de língua portuguesa com as de literatura que, a maioria das escolas privilegia o ensino da língua portuguesa em detrimento da literatura, que poderia ser um espaço dedicado à leitura de textos literários e conseqüente incentivo à formação de leitores.

Acredita-se que são necessárias políticas públicas e educacionais capazes de privilegiar a formação do leitor literário, uma vez que este é um direito humanizador que contribui para a formação de cidadãos mais críticos e reflexivos, havendo, no entanto, muitos desafios para serem transpostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008, p.67-86. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/OswaldoalmeidaJunior/publication/277769128_Mediacao_da_Informacao_e_da_Leitura/links/56aa0d9a08ae2df82166bde6/Mediacao-da-Informacao-e-da-Leitura.pdf. Acesso em 02 de maio de 2021

AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. IN: **Literatura e letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.1-9. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/A-didatizacao-e-a-precariadivisao-de-pessoas-em-faixas-etarias.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2020.

_____. Formação de leitores e razões para a literatura. In: **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 08 de março de 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao#competencias-gerais-da-base-nacional-comum-curricular>. Acesso em 08 de março de 2021.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. IN: **Vários escritos**. 5ed, Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>. Acessado em 05 de julho de 2021.

PORTOLOMEOS, A; BOTEGA, S.A. **A poesia no ensino fundamental: uma discussão sobre as orientações da BNCC**. CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.16 (Educação literária), p. 291-315, jul./dez, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/Emater/AppData/Local/Temp/1914-7510-1-PB.pdf. Acesso em 22 de outubro de 2020.

PORTOLOMEOS, Andréa e RODRIGUES, Sophia Assis. **A leitura literária na sala de aula: a teoria na prática ajuda?** Disponível em: Rev. Humanidades e Inovação v.7, n. 1 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Emater/AppData/Local/Temp/2055-Texto%20do%20artigo-7532-1-10-20200204.pdf Acesso em 06 de novembro de 2020.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 107-117. Disponível em: http://ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2020.

SOUSA, A.V.C de; CASTELLANOS, SL.V. O ensino da leitura e a nova BNCC: as implicações na formação de leitores / the teaching of reading and the new bncc: the implications in the formation of readers. IN: **Brazilian Journal of Development**. Vol.07, nº6, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/32146>. Acesso em 01 de julho de 2021.

SOUZA, Renata Junqueira de; SILVA, Gabriele Góes da; MOURA, Beatriz Alves de. **Formação do leitor literário: a importância do professor mediador**. Anais XII Jogo do Livro e II Seminário Latino Americano: Palavras em Deriva. Belo Horizonte, 2018. 1-12p.

SOUZA, Renata Junqueira de; MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins. **A formação de leitores literários: o espaço como mediador**. Raído, Dourados, v. 8, n. 17, p. 155-169, dez. 2014. ISSN 1984-4018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/3553>. Acesso em: 03 out. 2020.